**CARLOS PASQUETTI**, *Energiczador Printemps*, 2000/2001

# PALAVRAS-CHAVE
## cor – corpo – escala – espectador – instalação

**Diante de uma obra de arte, o espectador pode assumir uma postura indiferente, interessada ou interativa. Uma dúzia de peças orgânicas de cores vibrantes escorrendo pela parede em contraste com o grande vulto ou peça central da instalação. Esse objeto central apresenta-se como um corpo inanimado e enigmático.**
**O entendimento da arte é um processo permanente e contínuo que envolve o saber como experiência do vivido. O visível e o invisível, o comunicável ou o não comunicável abrem campo para a imaginação e as leituras múltiplas provocadas pelo estranhamento e a empatia que trazem a ideia como forma de expressão conceitual na instalação de Carlos Pasquetti.**

DESAFIO: Trazer para a sala de aula objetos – metáforas que falem de sentimentos, sensações, ideias e conteúdos que contemplem as reflexões do grupo; a partir dos objetos, elaborar roteiro para a criação e construção de uma resposta poética: instalação no espaço escolar; organizar equipes para acompanhar a visita de alunos de outras turmas da escola à instalação criada pelos alunos; expandir o conhecimento, proporcionando vivências do processo e ampliando o entendimento de instalação e de arte contemporânea.

## CARLOS PASQUETTI
(Bento Gonçalves, RS, Brasil, 1948)
*Energiczador Printemps*, 2000/2001
Instalação
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE O ARTISTA: Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Graduado em Pintura pelo Instituto de Artes da UFRGS (1970); um ano depois, realiza sua primeira exposição individual no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) de Porto Alegre. Ainda na década de 1970, leciona durante oito anos no Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Pertenceu e foi um dos fundadores, em 1976, do grupo Nervo Óptico. De 1980 a 1981, realiza sua pós-gradução na School of the Art Institute of Chicago, Estados Unidos, recebendo o título de Master in Fine Arts. Em 1991, viaja para a Europa, onde visita escolas e centros de Arte Contemporânea em Edimburgo e Glasgow, Escócia, e em Londres e Oxford, Inglaterra. Foi aluno, entre outros, de Robert Loescher, Ray Yoshida, Philip Hanson, Martin Prekop, Diane Townsend, Karen Savage e Iberê Camargo.

**EDUARDO FROTA**, *Carretéis*, 2005

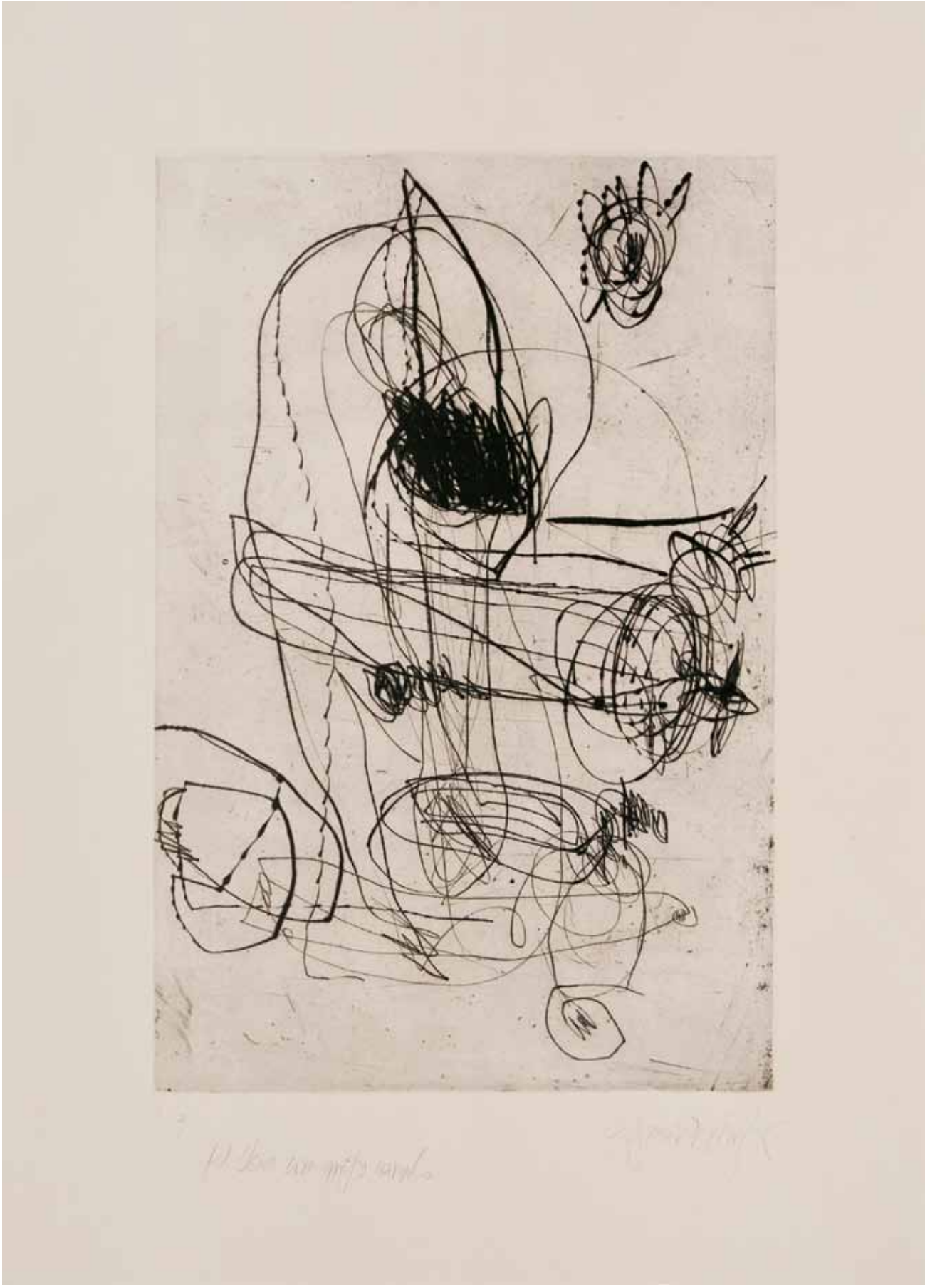
# PALAVRAS-CHAVE
## arquitetura – carretel – escala – escultura – espectador – instalação

**O artista caminhava por uma zona portuária e industrial quando se deparou com carretéis gigantes. Assim como o artista, o espectador pode assumir uma postura indiferente, interessada ou interativa perante um objeto reconhecível. Mas é a escolha e a atitude das ações de apropriação e descolamento que reconhecemos como práticas na arte contemporânea. O trabalho de Eduardo Frota nos proporciona a percepção da interação entre o espaço público e o privado como formas de conscientização da inserção do indivíduo no meio cultural. Percorrer o espaço entre os carretéis, sentir as diferenças de escala e tamanho, formar atitudes críticas e poéticas perante a obra fazem parte de sua proposta.**

**DESAFIO:** (para o grupo, 2 minutos) Nossos espaços se organizam de acordo com a nossa relação com o outro. Escolha um participante do seu grupo e, com uma régua, demarque a distância que ele manteria em relação a um estranho, a um amigo e a um familiar. Compare as medidas e faça um mapa com todas as medidas que você coletou.

EDUARDO FROTA
(Fortaleza, CE, Brasil, 1959)
*Carretéis*, 2005
Instalação com madeira reflorestada
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos
Obra adquirida através do Fundo Nacional de Cultura – MINC, 2007

**SOBRE O ARTISTA**: Vive e trabalha em Fortaleza, CE. Exerce atividade didática como professor de arte e arte educador desde 1979. Como artista plástico, desenvolve seu trabalho desde 1977. Durante 1979 e 1980, fez o Curso Intensivo de Arte/Educação (CIAE) Escolinha de Arte do Brasil – EAB, Rio de Janeiro, RJ. Entre 1982 e 1986, estudou no Rio de Janeiro, formando-se em Educação Artística na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A ênfase no rigor técnico-formal empreendido por Frota – no qual se mescla o exercício do artista com o do artesão, do arquiteto e do engenheiro – na construção de formas cilíndricas, orgânicas e, muitas vezes, monumentais, revela a necessidade de enfrentamento com o real, no caso, com a arquitetura.



**REGINA OHLWEILER**, Sem título, da série *Juguetes, Brinquedos de Guerra*, 1994

# PALAVRAS-CHAVE
## figuração – linha – gravura

**A compreensão da arte é um processo que se inicia na infância e vai se estruturando à medida que o sujeito incorpora novas experiências estéticas e de mundo. Regina faz sua arte como renovação do olhar sobre o que é considerado banal no cotidiano. O título da obra propõe relações entre cotidiano, identidade, memória e contextos históricos e políticos. A artista faz uso dos elementos formais e expressivos para trabalhar a figura, resultado do vigor da linha e da exaustão do gesto.**

**DESAFIO**: Solicitar aos alunos que tragam os mais variados objetos de uso cotidiano e proponham uma nova dimensão para eles, alterando sua função tradicional ou refletindo sobre o seu uso cotidiano, ao descontextualizar o objeto. Inserir a proposta no estudo do título da obra de Regina.

REGINA OHLWEILER
(Porto Alegre, RS, Brasil, 1954)
Sem título, da série *Juguetes, Brinquedos de Guerra*, 1994
Gravura em metal sobre papel algodão, 68 x 49 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE A ARTISTA**: Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Bacharel em Artes Plásticas (Desenho e Gravura) pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980. Fez residência no Frans Masereel Centrum, 1988, Kasterlee, Antuérpia, e no London Print Studio, 1992, Londres, Inglaterra. Em 1992, foi premiada na 10ª Mostra da Gravura Cidade de Curitiba, Curitiba, PR. Possui obras em diversos acervos públicos e privados, entre eles o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Porto Alegre, RS, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, PR, London Print Studio, Londres, Inglaterra, Museo Nacional Del Grabado, Buenos Aires, Argentina, e Rijksmuseum Antwep – Prentenkabinet, Antuérpia, Bélgica.

RIERA I ARAGÓ, *Avió sobre negre*, 2003

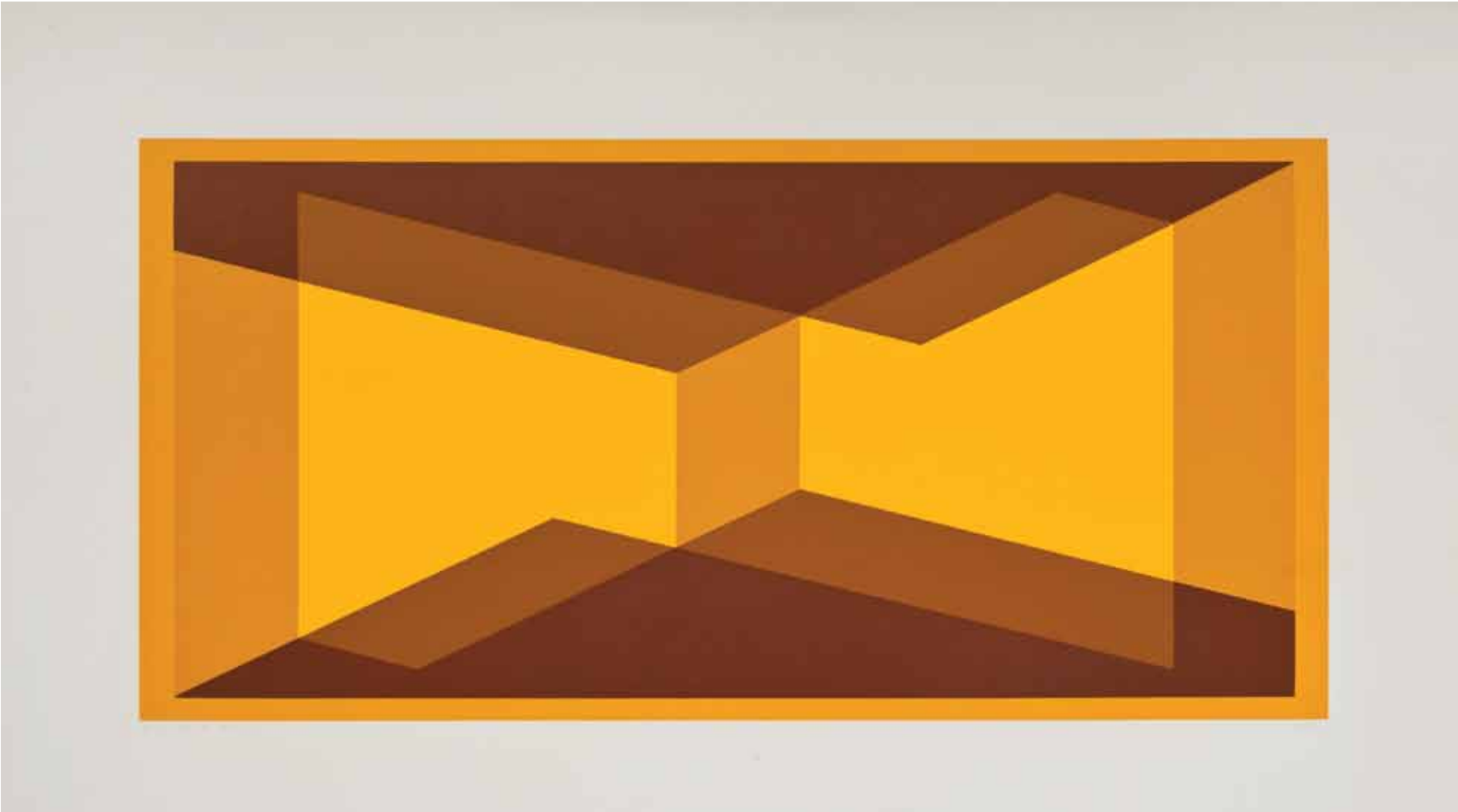
# PALAVRAS-CHAVE
## figuração – formas básicas – gravura

O trabalho deste artista se caracteriza por uma figuração pessoal de caráter intimista, autobiográfica. Arte é signo. Mais do que representação pura e simples do real, tem motivações estéticas que correspondem à inserção do artista em seu próprio tempo, às escolhas temáticas e aos recursos expressivos dos quais ele se vale. Se analisamos a estrutura do quadro, observamos a organização da superfície da obra pela direção das linhas, e pelos dois pontos de cor vermelha definindo as rodas e o plano amarelo como corpo do avião em contraste com o fundo. O avião sobre o negro da noite? A máquina parece frágil perante a densidade da noite? Soltemos a imaginação!

**DESAFIO:** Os alunos criarão máquinas e meios de transporte, desenhando, gravando, recortando, colando e usando as formas básicas (plano, linha, ponto, figuras geométricas simples). Converse sobre qual seria o mínimo necessário para representarmos uma imagem.

**RIERA I ARAGÓ**
(Barcelona, Espanha, 1954)
*Avió sobre negre*, 2003
Gravura em metal, água forte e colagem, 65,6 x 51,5 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE O ARTISTA**: Estudou na Faculdade de Belas Artes de Barcelona. Ao longo de sua carreira, fez esculturas, pinturas e trabalhos gráficos. Riera i Aragó recria em seu trabalho um mundo de máquinas e equipamentos (zepelins, aviões e submarinos). Fez diversas exposições individuais, participou de importantes exposições coletivas e está presente em várias coleções de museus. É também autor de grandes esculturas em espaços públicos.



JOSEPH ALBERS, *I-SW*, 1971

# PALAVRAS-CHAVE
## Abstração Geométrica – Bauhaus – cor – plano – serigrafia

A arte abstrata, a arte construtiva e a arte concreta, entre outras, são variações de uma arte que evita a figuração ou a representação da natureza, a fim de lidar com um repertório de formas dotadas de peso e valor expressivo próprios. Apresenta formas reduzidas a estados mínimos de ordem e complexidade sob o ponto de vista do estudo das formas, da percepção e do significado. Nos Estados Unidos, destaca-se a pintura denominada *hard-edge:* linhas retas, cores puras, e da qual Joseph Albers foi o grande mestre. Nesta obra abstrato-geométrica, a estrutura é formada com a sobreposição de planos e escalas cromáticas marrons e o contraste de luz e sombra.
Esta obra nos estimula a pensar em atividades práticas com as formas básicas, cores primárias e secundárias, cores puras e misturadas, para reconhecer e perceber os elementos básicos da comunicação visual.

**DESAFIO:** Realizar uma composição escolhendo apenas uma das formas básicas (ponto, linha, plano) e uma cor. Fazer outros exercícios variando as formas e as cores.

## JOSEPH ALBERS
(Bottrop, Alemanha, 1888 – New Haven, Estados Unidos, 1976)
*I-SW*, 1971
Serigrafia sobre papel, 47 x 80 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE O ARTISTA**: Joseph Albers foi artista, designer, fotógrafo, tipógrafo e poeta, sendo reconhecido por seus trabalhos como pintor abstrato e também como teórico. Foi aluno e professor da Bauhaus, onde favoreceu uma abordagem reconhecidamente disciplinar do que seria a composição. Os mais famosos trabalhos incluem a série *Homage to the Square*, sobre a qual o artista explorou as interações cromáticas através de planos e arranjos concêntricos.

LYGIA CLARK, *LC3,* da série *Bichos*, 1960

# PALAVRAS-CHAVE
## Abstração Geométrica – bichos – brinquedo – escultura – Neoconcretismo

**A série *Bichos*, de Lygia Clark, é emblemática na arte brasileira. A artista trouxe, com esses trabalhos, algo que marcaria a arte contemporânea: o convite à participação ativa do espectador, chamado a interagir com o *Bicho*; a cada ação do espectador, o *Bicho* "responde". Lygia via nesses trabalhos "instrumentos" que, em contato direto com uma pessoa, tornavam-se meio de estimular suas sensações. Hoje, para preservar a escultura, só podemos manipular maquetes, mas é suficiente para perceber o exercício de diálogo proposto pela artista. Ao observar e manipular o *Bicho*, podemos estudar as relações entre o modo como nos percebemos e a forma como enxergamos os outros.**
**Em seus aspectos formais, podemos afirmar que *Bicho* é uma das obras mais estruturada/des-estruturada da exposição.**

**DESAFIO:** (para o grupo de alunos, 2 minutos)
Com os olhos vendados, você deve tentar descobrir por audição, olfato ou tato os objetos que seus colegas lhe darão. Conte qual cheiro, ou sabor ou som mais antigo de que você se lembra. De qual tem mais saudades?

## LYGIA CLARK
(Belo Horizonte, MG, Brasil, 1920 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1988)
*LC3,* da série *Bichos*, 1960
Chapas de alumínio e dobradiças, 25,5 x 25,5 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE A ARTISTA**: Inicia seus estudos artísticos em 1947, no Rio de Janeiro, sob a orientação de Roberto Burle Marx e Zélia Salgado. Em 1950, viaja a Paris, onde estuda com Arpad Szènes, Dobrinsky e Fernand Léger. Após sua primeira exposição individual, no Institut Endoplastique, em Paris, em 1952, retorna ao Rio de Janeiro e expõe no Ministério da Educação e Cultura. Participou, na década de 1950, do Grupo Concretista do Rio de Janeiro e, no final da mesma década, do movimento conhecido como Neoconcretismo. A partir da década de 1960, seus trabalhos se abrem a outras experiências de viés fenomenológico, tendo o corpo humano e as sensações corpóreas como principal objeto investigativo. Tanto ela como sua obra fogem de categorias ou situações facilmente identificáveis, uma vez que Lygia estabelece um vínculo com a vida. Em 1981, Lygia diminui paulatinamente o ritmo de suas atividades. Em 1986, realiza-se, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, o IX Salão de Artes Plásticas, com uma sala especial dedicada a ela e a Hélio Oiticica. A exposição constitui a única grande retrospectiva dedicada a Lygia Clark ainda em vida.

**NICK RANDS**, Sem título, 2005

**NICK RANDS**, Sem título, 2005

# PALAVRAS-CHAVE
## ordem – pintura – ponto – regras – repetição

Nick Rands nos oferece a oportunidade de analisar e questionar se os materiais têm voz. O que falamos sobre eles quando os selecionamos e os colocamos lado a lado? Movido pelo interesse de experimentar matérias recolhidas no meio ambiente, como barro, terra, areia, breu, entre outros, o artista tem uma postura investigativa e experimental em sua pintura. A obra é um conjunto ordenado e sequencial de pontos que mantêm relação devido a uma característica ou padrão. É uma estrutura simples que valoriza o gesto e os materiais. A pintura como exercício de paciência e método.

**DESAFIO:** Cada material tem qualidades específicas, que podem mudar quando um é colocado ao lado do outro. O que acontece quando o algodão é colocado ao lado do ferro? E se for colocado ao lado da tinta? Com pedaços de argila, tente representar características como leveza, maleabilidade, aspereza e viscosidade. Experimente recolher terra no pátio da escola, diluí-la em água e fazer pinturas com ela.

NICK RANDS
(Chester, Inglaterra, 1955)
Sem título, 2005
Barro sobre tela; bastidor de madeira, 90 x 18 x 2 cm cada módulo/tela
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE O ARTISTA**: Vive e trabalha entre Porto Alegre, RS, e a Inglaterra. Estudou Artes Plásticas na Reading University e Arte Educação na Bristol University. Ensinou arte na Inglaterra e em Botswana, e trabalhou com Educação em Galerias na Inglaterra. Em 1992, foi artista residente no Instituto de Artes da UFRGS, como artista do Intercâmbio Southern Arts – Brasil.

**FRANTZ**, *Pichação*, 1985

# PALAVRAS-CHAVE
## arte abstrata – estrutura – livro de artista – pintura – repetição

Perceber as inter-relações entre as distintas modalidades de arte e as possibilidades de fusão entre diversos procedimentos técnicos é um modo de se aproximar das propostas da arte contemporânea. O título desta obra é *Pichação*. Saber isso ajuda a entender melhor a obra? Podemos analisar a estrutura da pintura de Frantz pela organização/desorganização da superfície e pelo tipo de pincelada. A criação da linguagem artística e do signo do "X" como forma de elaborar e compartilhar a cultura. Perante a obra do artista, temos a oportunidade de refletir sobre as possibilidades de estabelecer relações entre a linguagem artística, as letras, as palavras e as diversas manifestações culturais da pintura e incorporá-las em um exercício de criação. Discutir na prática os limites entre a comunicação e a expressão na arte e na língua, por meio do contraste entre a experiência de "pintar" para se comunicar com o "pintar"com uma finalidade expressiva.

**DESAFIO**: Criar mensagens partindo da ideia de cifrar/decifrar mensagens. O professor pode produzir outros códigos, utilizando figuras que os estudantes usam quando desenham, como corações, estrelas, florzinhas, etc. Usar qualquer material de desenho, pintura ou colagem, explorando diversas formas de agrupar os símbolos escolhidos. Sugira aos alunos que procurem combinar várias técnicas de criação e materiais numa mesma proposta. Pensar a elaboração de duplos numa mesma proposta.

FRANTZ
(Rio Pardo, RS, Brasil, 1963)
*Pichação*, 1985
Tinta acrílica sobre papel, 50 x 50 cm cada módulo
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE O ARTISTA**: Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. De formação autodidata, Frantz deixou sua cidade natal, Rio Pardo, para desenvolver, em Porto Alegre, uma intensa e polêmica pesquisa visual. Seus trabalhos, desde a década de 1980, sugerem questionamentos sobre o que é pintura, sobre o processo pictórico e sobre autoria. Participou e foi premiado, nos anos 1980, em diversos salões de arte pelo Brasil. Ministra aulas de pintura em seu ateliê.

**LENIR DE MIRANDA**, *Íthaca*, da série *Ulisses/Joyce*, 1986

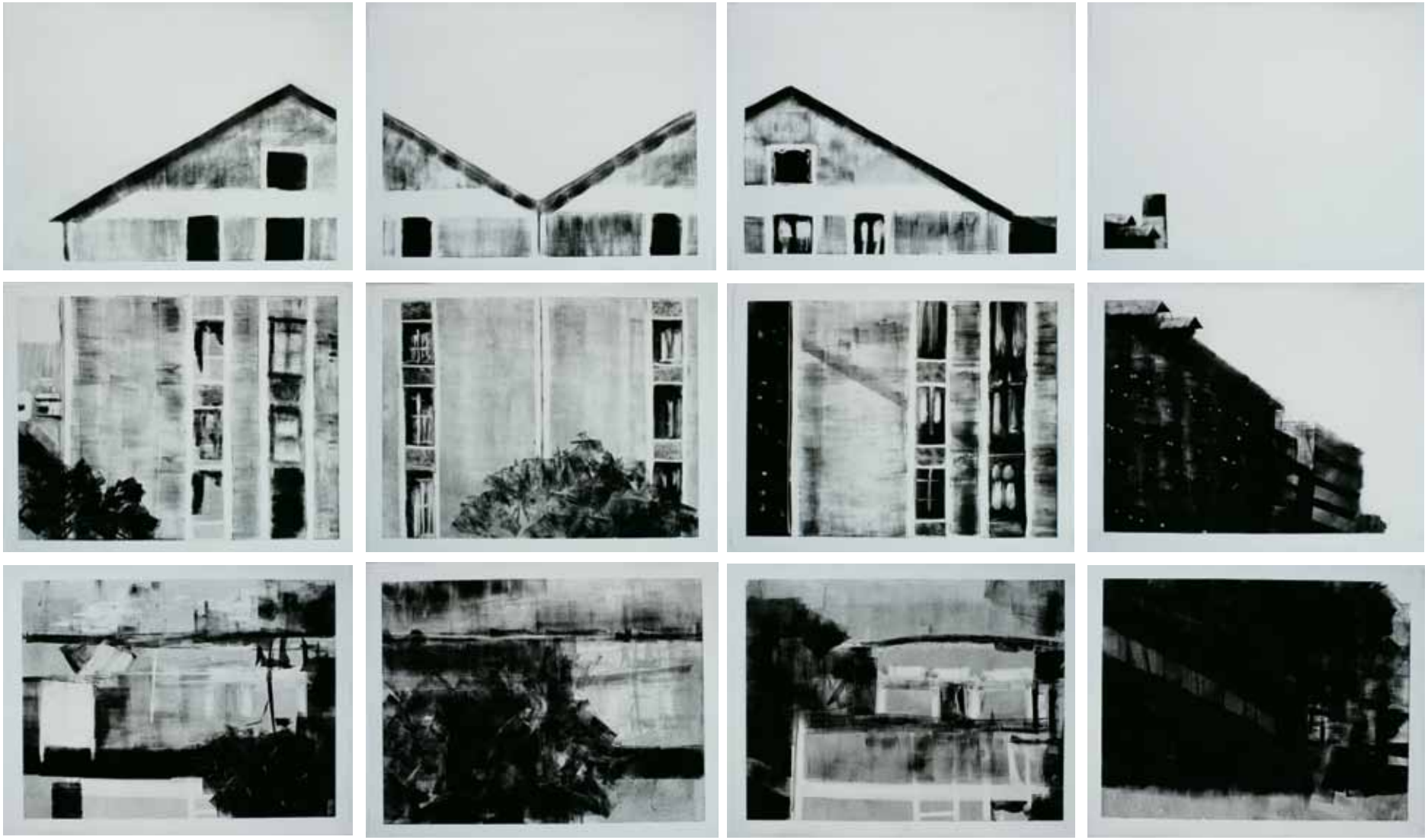
# PALAVRAS-CHAVE
## cor – desordem – estrutura – figuração – jogo – pintura

Lenir de Miranda tem pautado sua obra recente nos textos em torno do lendário herói grego Ulisses. Ora revisitando o épico de Homero, ora mergulhando no texto de James Joyce, a artista tem explorado múltiplas facetas do personagem: sua tortuosa travessia pelo Mar Egeu, buscando retornar a Íthaca, sua ilha natal; o sentimento de nostalgia (*nostos*) que marca essa jornada; a ideia de passagem de tempo por trás desse percurso. Ulisses, personagem emblemático da literatura ocidental, é o mote constante de Lenir que, nesta obra, *Íthaca*, nos oferece uma possibilidade de revivermos o mito, sermos o próprio herói, escolhendo o caminho. A obra consta de 134 partes autônomas e diferentes, o que permite analisar as diferentes formas de suporte, meios e motivos para apresentar/exibir a obra; a aproximação entre as artes plásticas e às outras artes, como a literatura e o teatro. Na instalação, não há uma ordem pré-estabelecida; o tempo e o espaço são elementos constituintes da obra.

**DESAFIO**: Escolha um colega de seu grupo. Se pudesse descrevê-lo como uma música, qual seria? E se fosse um filme, uma comida, um poema, um lugar ou um personagem de histórias em quadrinhos? Compartilhe suas ideias com os participantes e imagine como seria possível juntar todos esses elementos em uma obra de arte.

**LENIR DE MIRANDA**
(Pedro Osório, RS, Brasil, 1945)
*Íthaca*, da série *Ulisses/Joyce*, 1986
Tinta acrílica sobre cartão, 134 módulos, 170 x 440 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE A ARTISTA**: É graduada em pintura pela Escola de Belas Artes de Pelotas, RS (1967), em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (1975), e Mestre em Poéticas Visuais, Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (2003). Em 1989, foi artista e professora visitante da School of Art and Design, Sunderland Polytechnic, Inglaterra. Trabalha com pintura, desenho, imagens digitalizadas, vídeo, poemas, livros-de-artista e instalação. Ganhou vários prêmios de pintura e desenho no Brasil. Participou de diversas exposições coletivas e individuais e possui obras em acervos públicos, no Brasil e no exterior.



MARISTELA SALVATORI, *Bassin de la Villette*, 1999

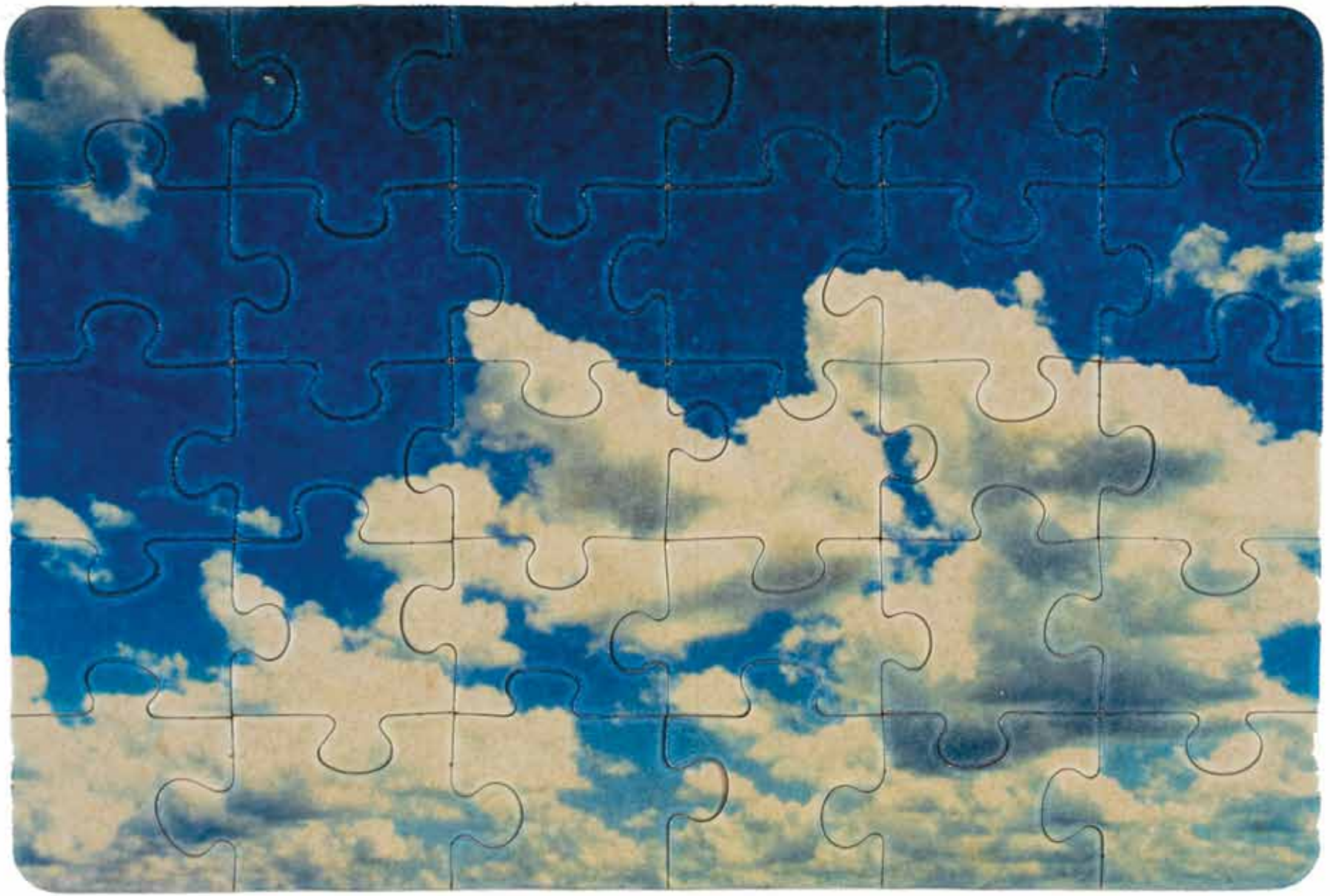
# PALAVRAS-CHAVE
## arquitetura – estrutura – linha – monotipia

A obra é uma composição de imagens de aspectos arquitetônicos com 12 partes que têm certa autonomia. A obra pode ser examinada como uma estrutura só, composta de diversas janelas. Cada janela é um espaço a observar. Ela nos permite analisar estruturas compositivas e suas relações com o espaço expositivo. Também podemos nos propor a debater a relação do ser humano com o ambiente, tema fundamental na contemporaneidade. Estimulados pelo trabalho de Maristela, que tal experimentar diferentes processos de impressão de monotipia?

**DESAFIO:** Faça um desenho de observação da sala na qual você está. Inclua detalhes, prestando atenção em quem está na sala, como ela está arrumada, os móveis e objetos, e onde você se encontra. Mostre para seus colegas.

MARISTELA SALVATORI
(Porto Alegre, RS, Brasil, 1960)
*Bassin de la Villette*, 1999
Monotipia sobre papel *Arches France*, 140 x 250 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE A ARTISTA**: Bacharel em Artes Plásticas, com ênfase em Gravura, licenciada em Educação Artística, mestre e doutora em Artes Plásticas e Ciências da Arte pela Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne. Foi artista residente na Cité Internationale des Arts, Paris/França, de 1999 a 2001, e artista residente no Centro Frans Masereel, Kasterlee/Bélgica, em vários anos. É professora junto à graduação e à pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



**HELIO FERVENZA**, *Quebra-nuvem*, 1999

# PALAVRAS-CHAVE
# brinquedo – jogo – observar

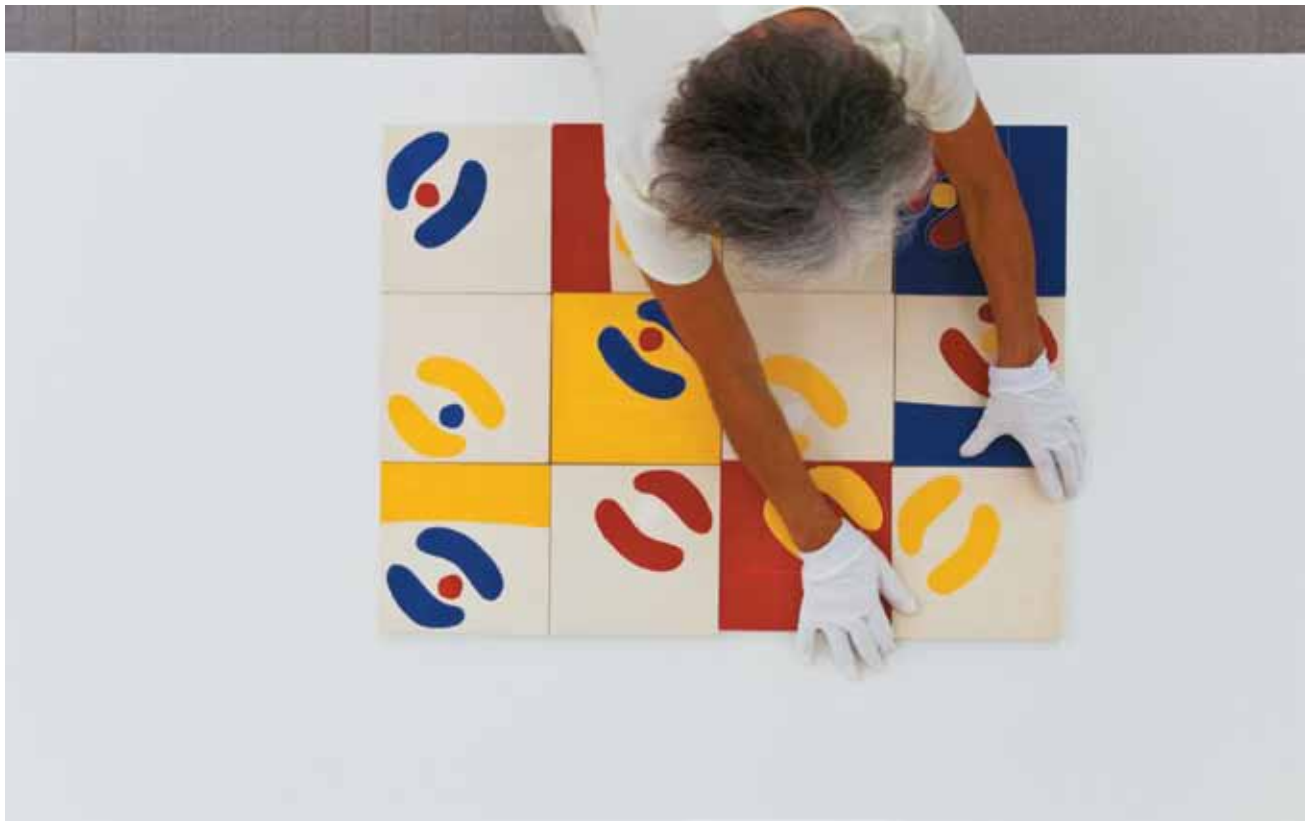
**A obra do Hélio nos faz pensar no olhar fotográfico: documental ou artístico? Entender a consciência da produção artística como manifestação cultural, produzida e observada dentro de um contexto. A compreensão dos processos de criação da imagem fotográfica e de suas relações com a realidade pode ser apreendida de múltiplas formas. Diferentes visões de mundo coexistem na sociedade contemporânea, assim como conceitos divergentes sobre a arte e a natureza do trabalho do artista. Discutir a rica relação entre a imagem fotográfica e o assunto fotografado, reconhecendo a fotografia como instrumento de registro e como meio de expressão pessoal.**

**DESAFIO**: Você é o fotógrafo, e seu colega, que deve permanecer com os olhos fechados, é a câmera fotográfica. Posicione sua máquina no local onde quer fotografar, escolhendo o enquadramento e o ângulo. Ao seu sinal, seu colega/câmera deve abrir e fechar os olhos, como a lente da máquina faz, ele deve capturar esse instante e representá-lo por meio de um desenho. A imagem que você vê no papel foi o que imaginou fotografar?

## HELIO FERVENZA

(Santana do Livramento, RS, Brasil, 1963)
*Quebra-nuvem*, 1999
Impressão sobre cartão, 17,6 x 26,3 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE O ARTISTA**: Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Entre os anos de 1983 e 1985, iniciou sua formação no Atelier Livre de Porto Alegre. É graduado pela *Ecole des Arts Décoratifs de Strasbourg*/ França (Departamento Artes, opção Multimeios), mestre em Artes Plásticas pela *Université de Sciences Humaines de Strasbourg*/França e doutor em Artes pela *Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne*. Desde 1994, é professor do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre.



**VERA CHAVES BARCELLOS**, Sem título, da série *Combináveis e permutáveis*, 1969/1970

# PALAVRAS-CHAVE
## brinquedo – estrutura – jogo – regras

A artista é autora, apenas, de uma estrutura inicial, cujo viver ou desabrochar estão fundamentalmente vinculados à vontade de participação lúdica dos espectadores/jogadores na obra. Faça o jogo, crie as regras.

VERA CHAVES BARCELLOS
(Porto Alegre, RS, Brasil, 1938)
Sem título, da série *Combináveis e permutáveis*, 1969/1970
Xilogravura sobre papel, 19,5 x 19,5 x 2,3 cm (cada)
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

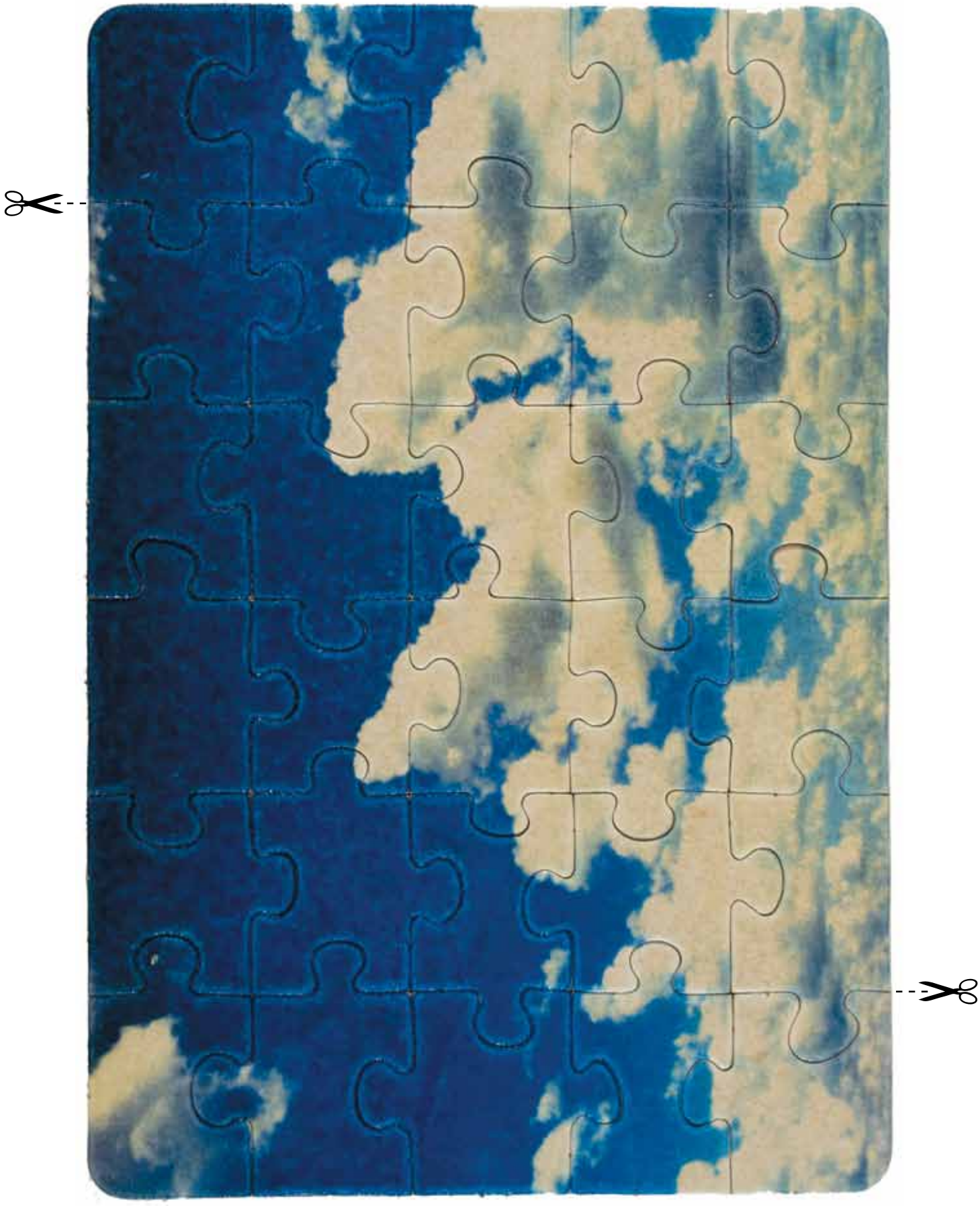
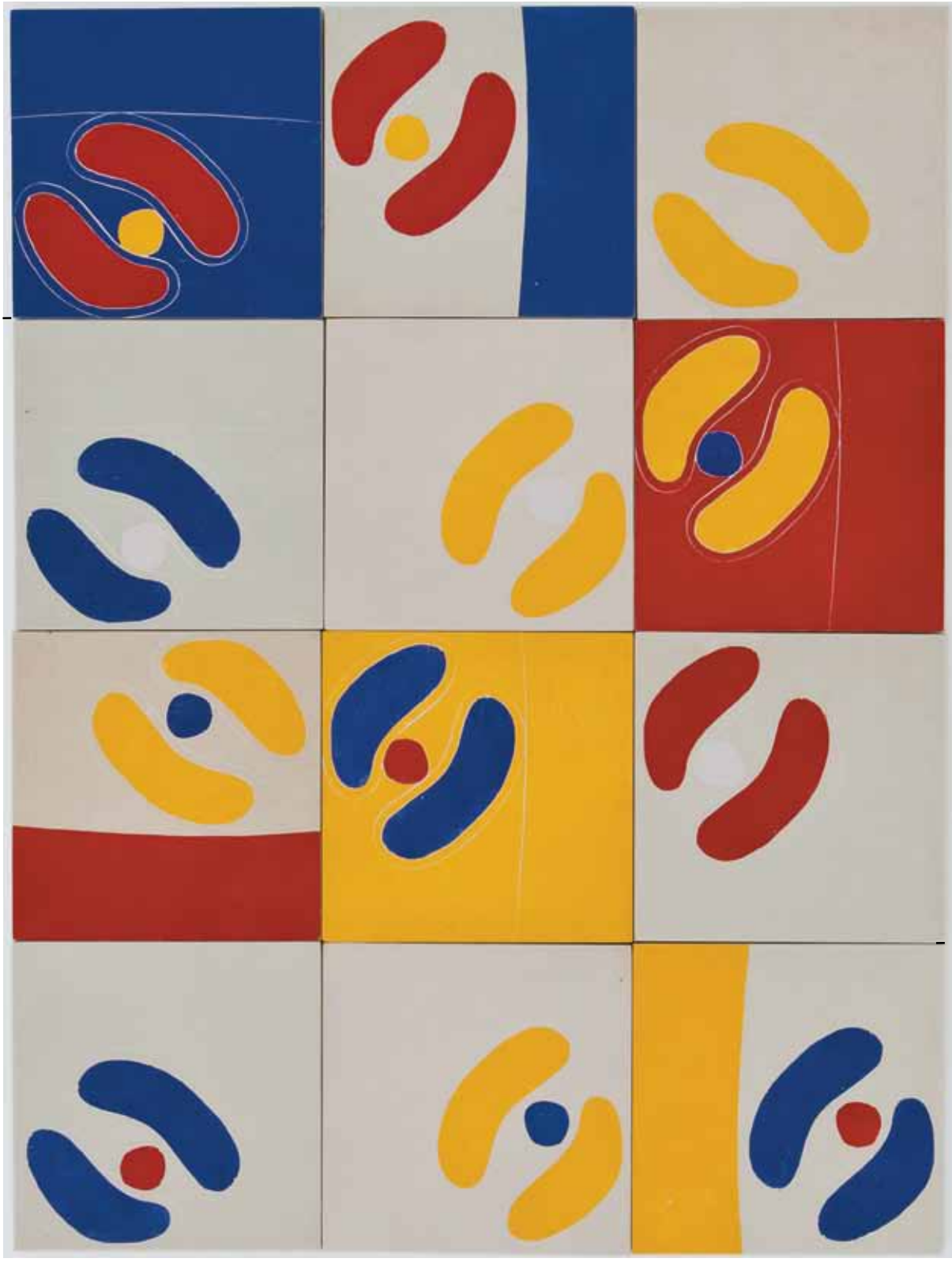
**SOBRE A ARTISTA**: Vive entre Viamão, RS, e Barcelona, Espanha. Nos anos 1960, dedicou-se à gravura, depois de estudos na Inglaterra e na Holanda. Em 1975, aprofundou seu conhecimento em técnicas gráficas e fotografia, com Bolsa do British Council, no Croydon College em Londres. Em 1976, fez parte da representação do Brasil na Bienal de Veneza, com o trabalho *Testarte*. Desde os anos 1970, tem intensa participação na vida cultural de Porto Alegre, estando entre os fundadores do grupo Nervo Óptico (1976–1978) e do Espaço N.O. (1979-1982), e também da Galeria Obra Aberta (1999-2002). Realizou diversas exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior, participando também de várias bienais de arte contemporânea. Desde a década de 1980, realiza instalações multimídia, empregando, além da fotografia, outros meios. Em 2003, instituiu uma Fundação que leva seu nome, com o objetivo de difundir a arte contemporânea e preservar a sua obra.

GISELA MARTINS WAETGE, *Territórios*, 1993

# PALAVRAS-CHAVE
## estrutura – formas básicas – linha – pintura – repetições

**Repetir é, simultaneamente, procurar recriar o mesmo e produzir a diferença. Como repetir, criando novos efeitos de sentido, eis a questão. A artista criou suas modalidades próprias de repetição, que nesta obra se inscrevem tanto no processo de construção da estrutura, como no resultado final. A cruz como borda obscura, a cruz mais clara com nuances do pigmento vermelho, o quadrado como unidade constitutiva da trama e o quadrado como borda da figura central. Jogos construtivos e perceptivos com as formas básicas, forças e tensões com a linha e o pigmento vermelho. Formas com um caráter simbólico: delimitar território, medir o espaço, medir a duração da vida...**

DESAFIO: Concentre-se em conceber um trabalho no qual o assunto seja a cor em si mesma, sem que esteja vinculada a uma forma ou à representação de alguma coisa que não seja ela mesma. Discuta o assunto com os seus colegas e procure criar um trabalho que tenha por objetivo dar autonomia à cor. Pensem em como dar corpo, ou seja, tornar tangível uma cor.

GISELA MARTINS WAETGE
(São Paulo, SP, Brasil, 1955)
*Territórios,* 1993
Tinta acrílica sobre papel e estrutura de arame, 110 X 163 cm
Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

**SOBRE A ARTISTA**: Vive e trabalha em Porto Alegre. Forma-se em Arquitetura pela Universidade Mackenzie, em 1980. No mesmo ano, passa a morar em Porto Alegre, onde inicia uma formação em Artes Plásticas através de cursos teóricos e orientação prática com artistas. Cursa desenho com Zorávia Bettiol (1935), Vasco Prado (1914–1998), Karin Lambrecht (1957) e Regina Silveira (1939), e pintura com Michael Chapman (1948). Ministrou oficinas de técnicas variadas de criatividade e desenvolvimento de produto artesanal nos Festivais de Quilt e Patchwork de Gramado/RS.